

MATADORES DE GENTE: TRAJETÓRIA DA PISTOLOGEM

A pistolagem é uma das práticas homicidas mais arcaicas da história do Brasil e especificamente do Nordeste brasileiro. Ela vem se transformando ao longo dos tempos: podemos encontrá-la nos jornais, nas ruas das cidades, nos sertões, na memória coletiva e individual dos sujeitos da nossa sociedade, nas estruturas, nas relações de poder e no campo da defesa da honra. Não seria demais dizer que a pistolagem faz parte da cultura, da organização da sociedade brasileira e é um traço de um complexo cultural. Ela tem um movimento próprio, que na cultura da violência se expressa com grande força simbólica, produzindo imaginários e subjetividades que nos constituem.

Quem não ouviu ou já disse as seguintes frases?

*Fulano de tal morreu de morte matada;
Matar de emboscada é covardia;
O pistola está acoitado na fazenda de fulano de tal;
Se eu pudesse, eu matava;
Pela lei não tem jeito de se consertar essa história, só mandando matar;
Todo mundo sabe quem matou e quem mandou matar, só que ninguém mexe;
O vereador está traindo o grupo político a que pertence, qualquer dia vai para a terra dos pés juntos.*

Percebi que essas frases funcionam como estímulo hermenêutico, gerando um mundo de

Peregrina Fátima Capelo Cavalcante*

RESUMO

Este artigo apresenta a trajetória de uma pesquisa de campo sobre a prática da pistolagem na Região Jaguaribana, localizada no sertão do Estado do Ceará. O processo histórico cearense é apresentado como pano de fundo, destacando atores que se movem num cenário repleto de representações sócias, gramáticas discursivas, perfazendo assim, a cartografia dos tipos de pistolagem e pistoleiros encontrados na atividade investigativa da elaboração etnográfica.

* Doutora em Sociologia e professora do Departamento de Ciências Sociais da UFC.

sentidos, marcando a história cotidiana dos sertões nordestinos, no que tange a crime por pistolagem, honra, valentia, medo, produzindo um corpo das capilaridades de práticas de uma economia que traduz as mortes de pistolagem. Essas questões me fizeram mergulhar em tramas subjetivas, pois nasci em Quixadá, cidade localizada no sertão central do Estado do Ceará, palco de uma realidade que me fez conviver com a pistolagem. Senti uma grande vontade de desvendar histórias soterradas, diálogos endurecidos sobre um assunto que sempre passava ao meu lado, fazendo vizinhança nas minhas lembranças e vivências, aterrorizando-me e deslumbrando-me ao mesmo tempo. Tratava-se das sagas e trajetórias de homens que desempenhavam o papel do que chamam no sertão de: “matadores de gente”.

Como diz Guimarães Rosa em sua imortal obra Grande Sertão: Veredas,

Sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!“. “O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?“. “Sertão é dentro da gente“; “O sertão não tem janelas, nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão ou sertão maldito nos governa“; “Lugar sertão é onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade.

Com o objetivo de compreender o “sombrio mundo da pistolagem” não por uma ver-

tente policial, mas sim, sociológica, antropológica, histórica, desenvolvi uma pesquisa por um período de quatro anos em várias localidades dos sertões nordestinos, (Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba e Rio Grande do Norte). Este trabalho resultou na dissertação da minha Tese de Doutorado em Sociologia defendida no programa de Doutorado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC.

Iniciei a minha pesquisa de campo, antes mesmo de formalizá-la com projeto de Tese de Doutorado. Através dos jornais, de conversas informais, fui desenvolvendo trilhas que, em pouco tempo colocaram-me em um universo mais complexo. As questões iniciais que nortearam o meu interesse pelo assunto foram: o que é a pistolagem?, porque existe pistolagem?, como se faz um pistoleiro?, de onde ele vem?, a pistolagem é ainda uma realidade?, é possível traçar a sua cartografia?. A pesquisa de campo seguiu os princípios metodológicos de uma observação participante. Durante esse período, pude gravar, entrevistar, anotar, observar e conviver com fatos, acumulando um precioso material que serviu de base para este trabalho. Foram noventa e três horas de gravações, três cadernos de diário de campo, visitas a muitos lugares, além de muitas horas de conversas, com os mais diferentes tipos de pessoas. Muitas amizades foram feitas, muitas confidências reveladas, muitas lágrimas rolaram como desabafos dos medos, dos pavores que emergem do tema dessas histórias, onde a morte se faz anunciada. Lembrava-me constantemente da grande escritora Clarisse Lispector que, em uma de suas entrevistas, disse: “morro de pena de meus personagens, se eu pudesse, AH! Se eu pudesse, como facilitaria a vida deles, como lhes daria mais anos. Mas nada posso fazer, se não lhes dar esperanças, e leves empurrões para a frente. Só há um livro meu em que o personagem morre no fim. A todos os outros eu deixo o caminho aberto: é só ter força ou querer passar. É com piedade e resignação que os deixo sofrer: que assombrosa coragem a minha: são filhos meus e no entanto abaixo a cabeça as suas dores. Por isso adio

tanto em escrever um livro. Já sei como vou ser torturada e castigada, e como muitas vezes me sentirei impotente. Mas nada posso fazer: tudo o que vive sofre!!!”.

A região Jaguaribana¹ foi escolhida por mim para centrar a problemática a ser estudada, o seu passado histórico apontava uma grande importância, nessa região processaram-se as primeiras ocupações do sertão Cearense. A criação de gado foi a responsável pela entrada de um volume populacional significativo oriundo principalmente dos Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauí e Bahia. Foi na ribeira deste grande rio (Jaguaribe), que aconteceram as guerras centenárias entre famílias de potentes. Atualmente esta região é costumeiramente associada à prática da pistolagem.

O primeiro município visitado da região foi o de São João do Jaguaribe. Hospedei-me na residência de uma velha moradora do lugar. No período de minha permanência, tive sensações muito arcaicas, que foram registradas no meu diário de campo. Elas me faziam sentir como se o meu corpo estivesse se desmembrando em dois: um que ficou no passado e um outro que estava comigo. Nesta idéia de eterno retorno, pensava sempre: “um dia tive que sair do mato mas o mato não saiu de dentro de mim”. O eterno retorno é o retorno das intensidades, é a repetição de diferenciações, de devires que vibram em estado de virtualidade trazendo consigo, não o passado empírico enquanto tal, mas aquilo que vibrou em intensidades, sempre desiguais a si. É vida tremulando.

As pessoas assim como a superfície da terra têm suas geografias, topografias e cartografias. Esta imagem estiliza as sensações que carregava dentro de mim ao “entrar em cena”, a realidade dos lugares, suas práticas e atores. Pouco a pouco fui percebendo uma vida que pulsava em suas multiplicidades, vistas por um olhar que ensaiava os primeiros passos de uma cartografia da história local, das pessoas, dos afetos, dos sentimentos, dos acontecimentos. Na antropologia, a pesquisa depende entre outras coisas da biografia do pesquisador, das opções teóricas,

da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia a dia local da pesquisa.

A observação etnográfica como recurso metodológico indica que o pesquisador deverá fazer uma imersão na realidade por ele pesquisada, usando das estratégias de conviver, sentir e observar as ações dos atores de seu trabalho. O etnólogo está próximo do romancista, que tenta restituir a intuição de uma totalidade cultural através de suas práticas. Geertz² advoga que a etnografia é uma descrição densa. Para ele “fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito, não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. Dar significado ao que parece desbotado é uma das tarefas da descrição densa, enquanto teoria interpretativa da cultura. O que faz o etnógrafo? Na interpretação de Geertz³, ele não deverá só observar e registrar, mas sim, principalmente interpretar. “A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação de significados, uma avaliação de conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias, a partir das melhores conjecturas, e não a descoberta do Continente dos significados⁴” O papel da etnografia, segundo o autor, é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – “isto é, sobre o papel da cultura na vida humana”. O objetivo da etnografia, com as características da descrição densa, “é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva⁵”. Baseada nestas contribuições de Geertz, procurei, durante a pesquisa de campo, mapear as manifestações microscópicas da pistolagem, os fragmentos, as diversidades e singularidades, compondo assim o que chamo de “cultura da pistolagem”. Foquei três grandes retalhos de uma mesma realidade, o mundo da

pistolagem como um gigantesco *patchwork* é uma colcha de retalhos de constituição infinita, de juntura múltipla, formada de pedaços que têm uma relação com o todo. As instituições políticas, econômicas, religiosas, familiares, imaginárias, pedagógicas etc. são partes de um todo em conexão. Sem entender estes acasalamentos de pequenos e grandes mundos em ligações múltiplas, seria difícil entender o mundo da pistolagem. Para isso reconstitui a história da ocupação territorial, o que chamo de *Violência fundante*, referindo-me ao genocídio e ao etnocídio indígena, para “limpar” estes sertões, dando lugar às fazendas de criatório de gado. Constituem-se nesse momento verdadeiros *exércitos privados* para execução sumária do indígena da região Jaguaribana, em nome da decretação da “Guerra Justa”, prática assassina legitimada pela Coroa Portuguesa em defesa dos sesmeiros que iriam produzir riqueza aos cofres imperiais. Localiza-se aí o momento embrionário do que hoje chamamos de pistolagem. Cada potentado, cada sesmeiro e depois os grandes fazendeiros coronéis mantiveram como dispositivo indispensável os seus “cabras, capangas, pistoleiros” para defesa de suas propriedades, honra e interesse político. Uma “máquina de guerra” constitui-se em defesa de uma elite agrária, que tinha como proposta o uso da força, seja lá qual for, que no nosso caso é a força do bacamarte, lembrando Joryvar Macêdo⁶ no seu clássico livro *Império do Bacamarte*.

Rasteando as vozes da comunidade pude constituir uma amostra heterogênea de atores sociais, tais como: juizes, promotores, padres, agricultores, jurados de morte, professores, comerciantes, prefeitos, donas de casa, fazendeiros, viúvas de pistoleiros, vítimas de pistolagem etc. Cada um desses fizeram parte de uma dobra do tecido social, tendo como alvo a relação comunidade e pistolagem. As mulheres tiveram uma importância fundamental no processo da pesquisa, o olhar feminino sobre a família, a região, a pistolagem possibilitou-me enxergar outros ângulos, principalmente no que se refere à intimidade das coisas, às vivências cotidianas. Certa vez,

em uma pequena cidade da Região Jaguaribana, conversei com um casal sobre as experiências de suas vidas. O homem, ao se referir a sua mulher, falou: “eu sou o pescoço e ela é a cabeça”. Essa declaração reflete a importância desta mulher na estrutura da família, ela (a declaração) fala de como as mulheres exercem um comando que, na maioria das vezes, é silencioso e escondido. Passar pela família é indispensável para compreender a estrutura e as subjetividades dos sertões; parece ser um grande Egito, onde grandes “dinastias” familiares orquestram os macros e micros poderes. Como por exemplo: com quem as pessoas devem se casar para manter a unidade familiar, em quem devem votar para manter a unidade política, tudo isso construindo uma grande rede de trocas de uma economia simbólica⁷, do econômico e do não econômico.

O “Outro” e o “Mesmo”, indicam a maneira como os atores da comunidade mesmo não sendo pistoleiros incorporam uma visão de mundo que, ao falar do pistoleiro parece falarem de si próprio, dizendo muitas vezes assim: “se algo acontecer comigo a família se vinga”; “só tenho uma palavra, comeu não leu o pau comeu”; “ando sempre armado para não perder tempo”. Essas questões nos mostram como são tecidas artesanalmente as falas dos atores da comunidade no que tange à pistolagem, ao pistoleiro e a elas mesmas. Os atores dessa comunidade produzem uma cartografia dos sentimentos, mostrando como eles retratam as suas “noções de mundo” e, ao falarem do outro (pistoleiro e pistolagem), utilizando-se de suas experiências históricas e de suas memórias, estão falando de si mesmos. A prática da pistolagem é percebida nessas falas como uma rede de significados que produz e reproduz não só a ela mesma, mas também os próprios valores da comunidade. As minhas indagações no campo de pesquisa não tinham como objetivo obter respostas precisas, frias, mas uma qualidade discursiva, através da reconstrução dos fatos, que me possibilitasse observar outros espaços dos estilos e modos de vida dos atores desta pesquisa. Na convivência

com a *Velha Família, com os Territórios da Honra e Jurados de Morte*, foi possível perceber como os atores comiam, habitavam, trabalhavam, falavam de suas angústias e sonhos, de seus valores etc. Penso que pesquisar dessa forma é objetivar o objeto e objetivar-se, impedindo que se construa um fosso entre o objeto pesquisado e o pesquisador. Procurei não me esquecer de inscrever, nas minhas análises, o lado lúdico do cotidiano que mostra como realmente as pessoas vivem, e como a pistolagem faz parte desta cotidianidade. As descrições recorrentes sobre o que é o pistoleiro, encontradas na pesquisa de campo, foram trabalhadas com a intenção de construir um *tipo ideal*⁸, seguindo uma orientação weberiana desse conceito. Para fazê-lo, foi necessário selecionar as características significativas nas realidades e combiná-las num quadro mental homogêneo. Pistoleiro: homem temido; violento; covarde; frio e calculista; corajoso; mata de tocaia; devoto; fervoroso; apaixonado; macho; mulherengo; fiel; tem código de honra, mata por dinheiro e por vingança; rouba; inconfiável. Essa seleção tem um significado epistemológico mais amplo, pois foi encontrado em todas as fases da pesquisa, principalmente quando, frente a uma massa de dados, tive que colocar de lado alguns deles como sendo de importância secundária, ou insignificantes, e guardando os que pareciam importantes ou essenciais. Segundo Weber, o tipo ideal é precisamente uma dessas descrições mentais que permitem, nas ciências, a mais rigorosa abordagem possível da realidade, mas é sempre limitada a um, ou a uns poucos aspectos dessa realidade. Sua definição de tipo ideal não deixa dúvida sobre a questão, na medida em que ele a vê como imagem mental pura, ou uma utopia. A construção do tipo ideal é um facilitador metodológico, através dele é possível aproximar ou distanciar as questões de uma determinada realidade social.

Destaco aqui os principais discursos que dão o roteiro da trajetória a ser seguida pelo pistoleiro e pela pistolagem, como facilitadores para a construção de outros tipos ideais:

Amparados por poderosos mandantes de crimes, surgem os pistoleiros profissionais.

Eram antes conhecidos por "cabras", "capangas" ou guarda-costas.

O pistoleiro atua nas cidades e nas fazendas. É um indivíduo que mata para ganhar dinheiro. Não é homem de lutar, peito a peito, nem para tiroteios.

É perigoso, traiçoeiro, astuto, covarde.

Atua de tocaia e consegue evadir-se com facilidade.

Premedita o crime, escolhendo o local.

Combina com o mandante, escolhem ambos a hora e o melhor local: o retorno de uma festa, o regresso do trabalho, a casa.

Usa automóvel, jipe ou moto.

Ingressa no profissionalismo do crime ainda jovem.

Às vezes, o ingresso se dá após o cumprimento de pena nas cadeias.

O pistoleiro oculta-se nas fazendas, à espera de um serviço.

Mata o inimigo do seu protetor.

É joguete nas mãos dos mandantes ou intermediários do crime.

É capaz de arriscar a vida pelo patrão.

A impunidade é a responsável pela permanência da pistolagem.

É determinado no serviço, quando sai para matar, mata mesmo.

O mandante chamava o pistoleiro para matar; este nem sequer conhecia a vítima.

Surgia o diálogo:

– *Você vai apagar Fulano hoje, sem falta. Dou-lhe tanto. Faça o serviço bem feito.*

O pistoleiro respondia:

– *Só em o senhor dizer que ele precisa ser apanhado, já estou com raiva dele.*

A falta de medidas enérgicas tomadas pelos dirigentes e pela justiça do nosso país, a ação dos mandantes dos crimes de pistolagem se perpetua, cada vez mais organizada por interesses políticos, econômicos e pela honra.

Cerca de três, quatro pessoas caíram mortas em tiroteios por ocasião das eleições em emboscadas em plena via pública. O chefe político é apontado. Comenta-se o assunto. Encerra-se o caso.

O pistoleiro de honra, o mais tradicional, está acabando.

A pistolagem não desapareceu, mas mudou bastante. O pistoleiro tradicional já está acabando, hoje existem vários tipos de matadores de gente.

Observa-se que, na lógica interna das nomeações, encontram-se adjetivações conflituosas, como por exemplo: covarde e corajoso; fiel e traiçoeiro; frio e apaixonado; religioso e assassino; etc. Esses discursos falam dos caminhos e cruzamentos os quais o pistoleiro e a pistolagem percorrem e onde se encontram. O pistoleiro faz parte da categoria dos "matadores de gente", como também o cabra, o capanga. A produção e a transformação dos elementos dessa categoria é aqui percebida pelo movimento da organização social da qual eles fazem parte. E a percepção desse movimento possibilita acompanhar a metamorfose constante à qual o pistoleiro, como matador de gente, está submetido.

É a *flecha do tempo*, o "jogo das temporalidades" que indicam o movimento e não a continuidade fria, como diz Balandier⁹. Na percepção do autor, deve-se apreender a sociedade em seu movimento, sua abundância e sua turbulência. Balandier inspira a pergunta: É o pistoleiro uma cômoda perturbação? É o pistoleiro uma amálgama das rupturas e permanências de uma sociedade? O tipo ideal e as falas definidoras do pistoleiro parecem inspiradas nessas indagações. Isso faz lembrar que "tais figuras são instrumentos de ordem ao mesmo tempo que agentes potenciais da desordem". Percebi várias vezes que as narrativas continham a indicação de um sentido que qualificava o pistoleiro como "um mal necessário", ou "uma cômoda perturbação".

No decorrer da pesquisa de campo, percebi a existência e a permanência de três tipos de pistoleiros. O pistoleiro tradicional, o pistoleiro avulso e o pistoleiro bandido. Eles são a derivação do tipo ideal de pistoleiro. Permanece em todos eles um traço comum, matam por vingança e por dinheiro. Explicarei agora as características de cada um deles.

O PISTOLEIRO TRADICIONAL

Ser do tipo pistoleiro tradicional significa estar ligado a “um dono”, a “um patrão”, não tendo autonomia de praticar crimes de pistolagem sem a ordem do patrão. Esse tipo permanece ligado ao patrão por laços de fidelidade, existindo entre eles uma troca de favores, e um rígido código de honra, justificando assim quaisquer “serviços arbitrários”. Esse pistoleiro jamais se ausenta dos limites geográficos determinados pelo patrão, permanecendo cativo a esse espaço, que, na maioria das vezes, é a fazenda. É interessante observar que esse tipo, segundo os meus informantes, encontra-se em extinção, devido à modernização das estruturas dos poderes locais.

O PISTOLEIRO AVULSO

Esse tipo se caracteriza por sua autonomia, funcionando como um prestador de serviço, não estando ligado a nenhuma hierarquia de mando. É dono de sua força de trabalho e é seu próprio patrão. Encara a prática da pistolagem como uma profissão. Seu código de honra está circunscrito ao que ele chama de “fazer o serviço bem feito”, não existindo laços de fidelidade com um patrão ou dono. Seu corpo é um corpo móvel e nômade, deslocando-se constantemente, não se fixando assim num só lugar. A sua trajetória espacial é determinada pela procura de seus serviços. Surge na vida desse pistoleiro um outro agente – o intermediário, será através dele que o pistoleiro armará a sua teia de relações e trabalho.

O PISTOLEIRO BANDIDO

Esse tipo de pistoleiro possui atividades múltiplas: mata, rouba, assalta, seqüestra, estupra. Ele é um agente de práticas marginais múltiplas, não se define só como matador. O roubo, prática marginalizada pelo pistoleiro tradicional, é integrada ao comportamento do pistoleiro bandido. A noção de honra que o pistoleiro adota e o grupo em que ele atua são efêmeros, fazendo-se e desfazendo-se na velocidade do dia, no jogo das temporalidades e dos movimentos transitórios. Ele é também chamado de “*elemento*”, “*marginal*”, “*sem-vergonha*”, “*cabra ruim*”, “*pervertido*”,

“*crápula*”. Faz parte das cenas das sociedades rurais e urbanas. Esse tipo de pistoleiro envolve-se constantemente com a rendosa “profissão” de assaltante de bancos e de cargas de caminhão.

O pistoleiro tradicional, o avulso e o bandido operam em ordens que parecem distintas, apesar disso, existe uma profunda ligadura de permanências, mesmo observando as sucessivas metamorfoses. Não serão eles uma incômoda permanência ou, na maioria das vezes, agentes da manutenção de uma ordem social que insiste em permanecer?

NOTAS

- ¹ É a região cearense cortada pelo Rio Jaguaribe, que tem um curso de 506 km, cuja nascente localiza-se na Serra da Joaninha e sua foz localiza-se a 15 km da cidade do Aracati, litoral sul do Estado do Ceará. Esta região divide-se em três sub-regiões: Alto, Médio e Baixo Jaguaribe.
- ² GEERTZ, Clifford: **Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989.
- ³ GEERTZ, Clifford: 1989.
- ⁴ GEERTZ, Clifford: 1989.
- ⁵ GEERTZ, Clifford: 1989.
- ⁶ MACEDO, Joaryvar: **Império do Bacamarta**, (uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri Cearense), Fortaleza, Casa José de Alencar, 1990.
- ⁷ BOURDIEU, Pierre: **A Economia das Trocas Simbólicas**, São Paulo, Perspectiva, 1982.
- ⁸ WEBER, Max: **Metodologia das Ciências Sociais**, parte 1, São Paulo, Ed. Cortez, 1992.
- ⁹ BALANDIER, Georges: **A Desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, Georges. **A Desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. **Entrevista Jornal do Brasil**, 13 de Maio, 1972.
- MACEDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte**, (uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri Cearense), Fortaleza: Casa José de Alencar, 1990.